JORNAL

Centro de Estudos LUIS GUEDES

Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Dezembro de 2018
Ano 29 • Nº 83

SAVE THE DATE

SIMPÓSIO E FESTA DOS

60 ANOS DO CELG

25 DE MAIO DE 2019

ACOMPANHE OS DETALHES EM
WWW.CELG.ORG.BR

FORMAÇÃO
REDES PROTETORAS NA UNIVERSIDADE
PÁG. 5

HOMENAGEM
O AMIGO LUIS KANCYPER
PÁG. 6 E 7

ESPECIAL
CIÊNCIAS DA SAÚDE NA ERA DO BIG DATA
PÁG. 8 E 9

CULTURA
A AUSÊNCIA QUE SEREMOS E A MALDIÇÃO DA RESIDÊNCIA HILL
PÁG. 10 A 13

REFLEXÕES
PRODUÇÃO DA SAÚDE NO E PELO TRABALHO
PÁG. 14 E 15

60 ANOS
celg

SUMÁRIO

2 PALAVRA DA PRESIDENTE
3 INFÂNCIA
4 POESIA
5 FORMAÇÃO
6 HOMENAGEM
8 INOVAÇÃO
10 LIVROS
12 SÉRIE DE TV
14 REFLEXÕES
16 JORNADA

EXPEDIENTE

JORNAL DO CENTRO
DE ESTUDOS LUIS GUEDES
Cursos de Extensão e Especialização
em Psiquiatria e Psicoterapia
Hospital de Clínicas de Porto Alegre.
Rua Ramiro Barcelos, 2350 –
2º andar - Sala 2218.
CEP: 90035-903. Porto Alegre - RS.
Telefones: 3330.5655 / 3359.8416 /
3388.8165.
Site: www.celg.org.br.

DIRETORIA
Presidente: Simone Hauck
shauck@hcpa.edu.br
Diretor Financeiro: Lucas Lovato
llovato@hcpa.edu.br
Diretor Administrativo: Félix Paim Kessler
fkessler@hcpa.edu.br
Diretora Científica: Patricia F. Lago
patflago@gmail.com
Diretora de Divulgação e Relações com a
Comunidade: Clarice Kowacs
ckowacs@icloud.com
Diretora de Publicações: Stefania Pigatto
stepigatto@gmail.com
Diretor de Ensino: Ives Cavalcante
ipassos@hcpa.edu.br

ADMINISTRAÇÃO
Assistente de Coordenação Administrativa:
Patricia Lopes Azambuja
(plazambuja@hcpa.edu.br);
Bibliotecária: Maria Luiza Farias de Campos
(mcampos@hcpa.edu.br);
Auxiliar Administrativa: Cátia Silva
(crsilva@hcpa.edu.br).

JORNAL - jornal@celg.org.br
Editoras do Jornal: Candice Campos, Betina
Kruter, Aline Rodrigues Wageck e Gabriela Favalli
Revisão: Ellen Garber
Jornalista Responsável: Vera Nunes (MTb 6198)
Diagramação e projeto gráfico: Design de Maria
(www.designdemaria.com.br)

"SEMPRE FOI ASSIM!" MAS NÃO PODE SER DIFERENTE?

Não é mais possível que nos furtemos de refletir sobre algumas questões que são, muitas vezes, desconfortáveis. Em um momento em que sistematicamente corrupção, abusos e muitos outros fatos vêm à tona, é inevitável pensar o quanto nossa sociedade se organizou, muitas vezes, em torno de mentiras e engano, em detrimento de integridade e autenticidade.

O medo de enfrentar a verdade é um sentimento que, de muitas formas, é baseado em ilusão. Como se questionar o passado pudesse levar ao desmoronamento do sistema. De fato, o passado de alguma forma nos trouxe até aqui. O livro de Yuval Noah Hahari, Sapiens, traz interessantes reflexões sobre como. Mas, desde que deixamos a "selva e as pradarias", a mesma premissa básica de sobrevivência que nos permitiu evoluir na medicina, psicologia e em todas as outras áreas, levando a uma expectativa de vida muito mais longa e em condições muito boas para alguns, também levou à desigualdade social, à guerra e ao preconceito. A crença de que apenas o mais forte terá comida à mesa, forma de evolução que selecionou genes que construíram a cultura atual, agora ameaça nossa sobrevivência devido ao dano que infligimos ao nosso planeta.

É preciso, urgentemente, uma mudança em nossa consciência – temos tecnologia e riqueza suficiente para fazer esse shift. Mas é preciso migrar para um pensamento de colaboração em vez de crescimento às "custas de outro" – a existência de lugar apenas para um não só é uma crença irreal como solitária e triste. Já temos inteligência, conhecimento e desenvolvimento afetivo para ver além disso. É nossa opção. É preciso um pouco de coragem. Em momentos em que meus pacientes estão à beira de uma mudança profunda, um sentimento de pânico tende a invadir a sessão de terapia. Costumo dizer que é como pular em um precipício absolutamente escuro. Não sabemos o que tem lá em baixo, nunca vivemos lá. Mas eu também acredito que essa é a única forma de aprender a voar. E, sim, dentro de nós é possível voar.

Nesse momento tão desafiador, em oposição ao caos, podemos optar pelo diálogo, pela integração – sobre o melhor uso que podemos fazer das conexões: entre nossas partes, nossos pares e nossas instituições. A velocidade com que a informação se transmite hoje pode ser utilizada por nós para crescer juntos – para encontrar melhores, mesmo que mais complexas, soluções. No entanto, para isso, é preciso que nos aventuremos a não ter medo uns dos outros. É preciso confiar. Ninguém gosta de olhar para os esqueletos escondidos no armário, mas o fato é que a verdade, e apenas ela, pode de fato nos levar adiante.

SIMONE HAUCK
Psiquiatra. Professora da FAMED/UFRGS.
Preceptora da Residência de Psiquiatria do
HCPA. Presidente do Centro de Estudos
Luís Guedes (CELG)

SOBRE BERÇOS **E GRADES**

Seis da manhã e como de costume escuto o chorinho fino que atravessa a porta e me desperta. Não é propriamente um choro: é um protesto manso, uma reclamação contida, como se ela fosse capaz de compreender que ainda é muito cedo para qualquer demanda. Me arrasto para fora da cama, os olhos não querem abrir. Migro cambaleante até o quarto ao lado sem distinguir se estou com sono ou cansada, provavelmente os dois.

Entrevejo ela no escuro, em pé, agarrada às grades do berço: não protesta mais, apenas sorri vitoriosa por trás do bico, pressentindo que enfim será resgatada daquele confinamento seguro.

Há fotos das grades, pequenas jaulas improvisadas. As crianças aquecidas em cobertores de alumínio, vítimas de um trauma que ainda se desenrola. Me recuso a escutar os áudios dos choros incontidos. Penso nos pais, nas decisões que se obrigaram a tomar, no desfecho infeliz do sonho agora frustrado.

Ainda não amanheceu. Retiro-a do berço e a carrego no colo até o sofá na sala. Quem sabe mais cinco minutos de sono. Em silêncio sentamos e nos encaixamos, um corpo contra o outro, as pernas dela enlaçadas na minha cintura, num ajuste tão simétrico que dispensa DNA. Seu rosto pequeno descansa no meu peito enquanto acompanho o vai-e-vem dos diafragmas em sincronia.

Em pouco tempo o sol vai apontar, a água do café esquentar, o restante da casa acordar. O jornal vai chegar. Falta pouco para nos separarmos.

Nas fotos, as crianças não estão sozinhas. Estão aos montes, amontoadas, todas vítimas da mesma barbárie. Tudo é hostil, gelado e cru. Assombradas, assustadas, estão perdidas – mas não à deriva como tantos outros. As crianças estão presas. As grades e os guardas mantendo-as atadas a uma realidade incompreensível a elas, indigesta a nós.

Afago sua cabeça e deixo meus dedos escorrerem pelo cabelo macio e fino. De olhos fechados, sigo tentando afastar essa história, não imaginar como ela termina, esquecer como se desenrola.

Uma luz branca se insinua por trás das cortinas. O silêncio se rompe abrupto com o clique da chaleira elétrica anunciando que a água ferveu. O soco seco do jornal lançado com força contra a porta nos interrompe de vez. Ela me olha intrigada. Puxo-a de volta contra mim. Por só mais um instante me refugio nesse abraço, antes que as notícias do dia se interponham entre nós.

RENATA KIELING

Professora do Departamento de Pediatria e do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da UFRGS

POESIA E PSICANÁLISE EM PROSA E VERSO[1]

EM PROSA

Há muita proximidade entre a poesia e a psicanálise. Freud valeu-se da poesia direta e indiretamente. Citou-a, penetrou-a, foi amigo científico de Goethe, Heine, Schiller, entre tantos outros poetas e prosadores poéticos. Sem poesia não haveria psicanálise. Ou, pelo menos, essa psicanálise.

Mas quero destacar um aspecto importante em comum a ambas: a inutilidade.

A psicanálise nasce sob a sombra da cura, mas desiste dela. Só almeja compreender e qualquer cura seria um desdobramento do ato de compreender.

A poesia nasce sob a sombra da ação, mas desiste dela. Só quer representar.

Psicanálise por psicanálise, sem fins que não sejam conhecer a pessoa.

Poesia pela poesia, sem fins que não sejam representar a pessoa.

Em ambas, há jogos pelos jogos, brincar pelo brincar. Sem os objetivos tácitos de uma medicação (psicanálise versus psiquiatria) e sem os tácitos de uma história em si (poesia versus prosa).

Não são para contar, para dizer, é antes e maior. Porque ambas resgatam algo antes e maior como uma infância ou a expressão de um afeto.

Não há como medi-las, como demonstrá-las, não há, sobretudo, como objetivá-las. Não há receitas nem protocolos.

Duas palavras são justapostas pela primeira vez (poesia), sem outro sentido que não a alegria de juntá-las. E avançam significados para nada palpável, longe do bem estar, perto da bagunça. Como fazem os bebês e as crianças que necessitam da poesia para se desenvolver. As pessoas, aliás, associam a poesia ao livro de poemas que poucos leem e pouco ao poético de uma interação da mãe com o seu bebê de que todos necessitam.

Duas ideias (associações) são justapostas pela primeira vez, sem outro objetivo senão o prazer de juntá-las. E avançam significados para nada palpável, longe do bem estar, perto da bagunça. Como fazem os analisandos que necessitam da poesia para se analisar. As pessoas, aliás, associam a análise à técnica e à metapsicologia e pouco ao poético envolvido o tempo inteiro nessa relação.

Psicanálise para tremer os lábios.

Poesia para tremer o corpo inteiro.

Poesia que poucos leem. Uma minoria que a maioria lê prosa ou nem lê.

Psicanálise que poucos fazem. Uma minoria que a maioria não se trata ou busca alternativas mais rápidas e utilitárias.

Poesia e psicanálise envolvem a imagem de cachaças sem a atenuação da caipirinha.

Ambas, talvez, humanas demais para o humano.

Dois ofícios impossíveis e, quando possíveis, ardentes e intermináveis.

Ambas caóticas, dolorosas, contidas pela arte e demasiadamente humanas.

Epifanias, auge da aventura humana, quando acontecem.

EM VERSO

A palavra me fortalece
do que não me fortaleceu,
e, embora sendo uma tinta
ou um som, a palavra pinta

alguém que realmente vive
ou viveu, mas quando viveu
não me tocou o suficiente
nem me ouviu o suficiente

e, embora tendo sido gente,
deixou um silêncio de som
e um buraco sem a tinta

que a palavra soa e preenche
e a palavra pinta e preenche
como se fosse mesmo alguém.

CELSO GUTFREIND

Psiquiatra e psicanalista de crianças e adultos, escritor, autor, entre outros, de A arte de tratar – por uma psicanálise estética (Artmed, 2018).

1 Reescrito a partir de um fragmento do livro A infância através do espelho – a criança no adulto, a literatura na psicanálise (Artmed, 2014).

PEGA LEVE: FORMANDO PROTETORAS REDES NA UNIVERSIDADE

Formar, do latim *formare,* significa proporcionar uma forma, mas não a modelar. Isso quer dizer que se proporciona um *continente* e uma *matriz* a partir da qual algo possa *vir a ser*[1]. O que isso diz da formação universitária?

Durante 2018, a saúde mental dos graduandos esteve em evidência tanto dentro quanto fora das universidades. Nesse mesmo ano, o "Pega Leve" pôde conversar com estudantes universitários de mais de 20 cursos de graduação em 11 diferentes oportunidades, percorrendo todos os *campi* da UFRGS, e chegando até a região metropolitana de Porto Alegre.

O que constatamos não foi somente a vontade de discutir o que a universidade *deixa a desejar,* mas sim a necessidade de criar redes de identificação de sinais de risco, acolhimento e encaminhamento adequado daqueles estudantes vulneráveis – principal objetivo do Projeto. Falamos para futuros pedagogos, engenheiros, agrônomos e profissionais da comunicação no que carinhosamente chamamos de "Palestra Pega Leve", eventos pontuais de duas ou três horas de duração que convocam os alunos a olharem para seus colegas e para si mesmos em busca de sinais de que algo não esteja bem.

Foram inúmeras as angústias compartilhadas não somente pelos estudantes, mas também pelos professores que se mobilizavam para questionar seu papel no adoecimento de seus alunos e até mesmo de seus colegas. Falamos sobre adoecimento e estresse, mas também sobre detecção precoce, meditação, psicoterapia e sobre mudança. Sobre ser rede e ser aldeia. A universidade é cada vez mais plural, colorida e acessível, e por isso precisamos pensar nas diferentes formas de ser e nas diferentes formações.

Para ser rede, porém, deve-se reconhecer que é necessário treinamento, como o que o "Pega Leve" oferece para os nossos monitores, ou *gatekeepers,* que abrem as portas da ajuda para aqueles que necessitem. São eles que pensam nas especificidades de seus cursos, nas demandas de seus colegas e, juntos, propõem soluções.

Parafraseando o pesquisador Luís Cláudio M. Figueiredo, a potência da formação universitária está na sua instrução *suficientemente boa*.

Assim como no conceito de Winnicott, isso significa aceitar algumas falhas pelo caminho, assim como espaços que deixam a desejar. A extensão entra nessas lacunas da formação curricular, podendo ampliar os horizontes daquilo que é aprendido dentro de sala de aula. Dessa forma, possibilita acrescentar um cuidado especial com a saúde mental durante o tornar-se profissional, adulto e cidadão implicado no processo da Educação Superior.

Muitos desafios ainda se projetam para o futuro do Pega Leve e da atenção em Saúde Mental nas universidades. Entre eles, a necessidade de continuidade das discussões sobre o assunto nesses espaços de formação, além da institucionalização do cuidado e da atenção psicológica, psicopedagógica e psiquiátrica aos graduandos. Diversas perguntas também se impõem ao processo, como a atenção à saúde dos professores, servidores e todos os trabalhadores implicados no processo de ensino-aprendizagem, além dos pós-graduandos.

O caminho que o Projeto começou a trilhar em 2018 é apenas o começo de um esforço contínuo, e sem dúvida muito pertinente para toda a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS:

[1] Figueiredo, L.C.M. (2013). A preparação do Psicólogo: Formação e Treinamento. *In:* Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos (7a. ed.). Petrópolis: Vozes.

ANA MARGARETH BASSOLS

Médica Psiquiatra UFRGS, Psiquiatra da Infância e Adolescência ABP, mestre e doutora em Psiquiatria UFRGS, Psicanalista SPPA, Professora adjunta do Depto Psiquiatria FAMED UFRGS, preceptora da residência em Psiquiatria da Infância e Adolescência do HCPA.

LUIS KANCYPER

Luis Kancyper foi um grande amigo. Nós nos conhecemos há mais de 20 anos, e desde então passamos a jantar juntos toda vez que estávamos na mesma cidade, o que foi ocorrendo de modo cada vez mais frequente e mais prazeroso. Nossa comunicação aumentou, auxiliados pela facilidade de comunicação do mundo moderno e por nosso desejo de encontrar-nos.

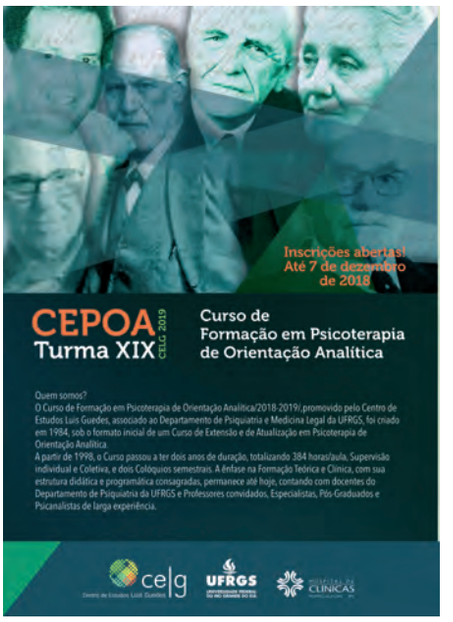
Falávamos sobre todos assuntos que pessoas próximas falam. Nossos interesses profissionais, culturais, nossas ideias e vidas pessoais. Luis passou a me chamar de "gêmeo", o que, além de muito me honrar, revelava nossa afinidade e apreço mútuo. Compartilhamos muitos momentos agradáveis e passei a senti-lo como alguém familiar, com toda a polissemia deste termo. Para dar uma dimensão dessa proximidade, em determinada ocasião estava passando por Buenos Aires em uma conexão internacional; cheguei na cidade às 23:00. Luis foi encontrar-me para jantar neste horário, e aí permanecemos até às 2:00 da manhã, entusiasmados e entretidos.

Luis era um homem muito culto, afável, generoso, sincero, com enorme capacidade intelectual, talento expositivo – verbal e escrito – e grande sensibilidade no contato com os outros. Era médico, psicanalista e membro titular com funções didáticas da *Asociación Psicoanalítica Argentina* (APA), onde era professor de seu Instituto de Psicanálise, tendo sido também seu Secretário Científico. Em 2014, recebeu o prêmio Sigourney para o avanço da psicanálise, considerado o mais valorizado prêmio internacional endereçado àqueles que se destacam nas aplicações da psicanálise ou em seu pensamento para o bem público, para a medicina, psiquiatria, outras ciências e humanidades, ou que aumentaram a reconhecença da psicanálise ou seu estudo.

Era considerado um ótimo analista, professor, supervisor e um escritor superlativo. Publicou onze livros de sua autoria, traduzidos a outros idiomas além do espanhol, participou com capítulos em outros tantos, e produziu um grande número de artigos para revistas de Psicanálise argentinas, brasileiras e internacionais. Seus temas principais foram a amizade do ponto de vista psicanalítico, o confronto geracional, o ressentimento, a adolescência e o complexo fraterno – um dos primeiros autores psicanalíticos a desenvolver o tema de um complexo que complementa o Complexo de Édipo. Porém, na base desses temas estava seu interesse pela família e suas configurações, o narcisismo e a alteridade, a metapsicologia, o ódio, a paixão e o amor. Em seus escritos, transitava pela literatura de forma consistente e esclarecedora. Escreve, dentre outros, sobre Jorge Luis Borges, Albert Camus, Franz Kafka e Sandor Marai. Era um conhecedor da cultura judaica e de suas fábulas. Esse conjunto amplo de conhecimento e interesses permitiu que sua obra se movimentasse entre o real e o fantasiado, o presente e o ausente, a vida e a morte, o concreto e o simbólico, produzindo figuras e metáforas que tornaram seus textos atraentes e pujantes.

JOSÉ CARLOS CALICH

Psicanalista SPPA. Docente do Instituto de Psicanálise da SPPA. Sócio titular do CELG. Professor convidado do Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica do CELG. Professor da *New York University (NYU) – postdoc – psychoanalysis*. Membro do Comitê Científico da Fundação Laplanche – *Institut de France*. Coordenador do Working Party sobre Métodos Clínicos Comparados da América Latina, Membro do Comitê Consultivo Internacional da Revista *RecherchesenPsychanalyse - Université de Sorbonne Paris VII-Diderot*. Ex-editor regional do *International Journal of Psychoanalysis*. Membro do Conselho Editorial do*PsychoanalyticQuarterly*. Membro Honorário da Associação Psicanalítica Mexicana



Não só gostava de escrever, como dizia que escrever era um ato vital, que lhe ajudou muito em momentos muito difíceis por que passou em sua vida. Dizia que sua vida era alimentada pelo amor recíproco que tinha com sua esposa Judith, com seus filhos, netos e amigos.

Sobre a amizade – seu último livro e um tema original em psicanálise – suas reflexões falam de uma capacidade que necessita de um processo que envolve admiração, empatia não possessiva e confiança. Fala na relação entre afetos e o poder. Sobre a diferença entre ter amigos verdadeiros e estar com um outro, não para amá-lo ou compartilhar, mas para não perdê-lo ou para não perder o poder que representa. Fala também sobre aqueles que não podem ter amigos e criam inimigos constantemente, ou que necessitam sempre de uma comparação.

Uma vez me escreveu: *"Un amigo duplica las alegrías y divide las tristezas por la mitad".*

Eu acrescento: a falta que um amigo verdadeiro faz duplicar as tristezas e divide as alegrias pela metade. Temos, todos nós, seu grande legado e nossas lembranças. Mas teremos que nos acostumar a uma permanente e insuprível privação.

ANÁLISE DE *BIG DATA* COM TÉCNICAS DE *MACHINE LEARNING* NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE

Big data é um termo usado para denotar grandes volumes de dados e a velocidade na qual eles são criados. Outra característica do *big data* relacionada às ciências da saúde é a variedade de níveis biológicos em que os dados são criados e coletados, desde o nível molecular, incluindo genômica, proteômica e metabolômica, até informações clínicas, sociodemográficas, administrativas, ambientais e até sociais (Passos *et al*. 2016b). É possível dizer que estamos vivendo a "era *do big data*"; no entanto, a humanidade sempre foi cercada por grandes quantidades de informação. Então, o que diferencia os tempos atuais do passado? Atualmente, podemos não só coletar e armazenar grandes quantidades de dados, como também interpretá-los através do uso de técnicas computacionais poderosas. O *big data*, portanto, também reflete o núcleo de um novo mundo que surgiu rapidamente. Um mundo com vários tipos de tecnologias relacionadas ao armazenamento, processamento e uso de dados com potencial para melhorar nossa sociedade de muitas formas positivas (Klous and Wielaard 2016).

A busca de padrões nos dados para permitir conclusões relevantes é uma parte importante do *big data*. Nas últimas décadas, uma variedade de técnicas agrupadas sob o nome de *machine learning* está sendo utilizada para identificar padrões de interação entre variáveis para interpretar e tomar decisões. *Machine learning* vem do campo da inteligência artificial e usa funções matemáticas para dar aos sistemas de computador a capacidade de "aprender" a partir de experiências sem serem explicitamente programados (Mitchell 1997). O engenheiro Arthur Samuel desenvolveu um dos primeiros programas baseados em técnicas de *machine learning* em 1956. Ele queria criar um computador que pudesse vencê-lo no jogo de damas. Em 1962, o programa foi capaz de derrotar Robert Nealey, campeão estadual de damas em Connecticut. A aplicação dessas técnicas para jogos de tabuleiro culminou em 2017, quando AlphaGO Zero, uma máquina desenvolvida com algoritmos de *machine learning*, venceu o campeão mundial de Go, um antigo jogo de tabuleiro chinês (Silver *et al*. 2017). Go é reconhecido como um dos jogos mais complexos do mundo devido à sua explosão combinatória a cada movimento. Nesse cenário, a máquina foi capaz de aprender Go apenas jogando consigo várias vezes até identificar quais movimentos levaram a uma maior taxa de ganho.

O uso da análise de *big data* com técnicas de *machine learning* aumentou muito recentemente e vai muito além das mesas de jogo. Várias atividades em nossas rotinas diárias são facilitadas por essas técnicas. Talvez o primeiro grande sucesso comercial dos algoritmos de *machine learning* tenha sido o Google, que usa essas técnicas para organizar informações. Da mesma forma, o *machine learning* é usado pelo Facebook para sugerir amigos, e pelo Netflix para sugerir filmes e programas de TV. Outra invenção recente que utiliza essas técnicas é o policiamento preditivo, nomeado como uma das 50 melhores invenções de 2011 (TIME 2011). Nos Estados Unidos, os departamentos de polícia do Arizona, Califórnia, Illinois, Carolina do Sul, Tennessee e Washington implementaram a prática do policiamento preditivo. O objetivo é desenvolver modelos para prever crimes, criminosos e vítimas de crimes, e orientar a utilização de recursos policiais escassos.

Hoje em dia, a análise de *big data* com técnicas de *machine learning* está ganhando força nas ciências da saúde, e pode mudar radicalmente a prática clínica e os sistemas de saúde pública. Brevemente, um algoritmo de *machine learning* é criado através da analise inicial de um conjunto de dados de "treinamento" para estabelecer um modelo capaz de distinguir indivíduos com relação a um determinado desfecho clínico. Quando essa etapa é concluída, o modelo pode ser aplicado a um novo conjunto de dados. Assim, a precisão da predição do método pode ser avaliada neste novo cenário. Diante disso, inúmeros modelos têm sido criados com o objetivo, por exemplo, de prever resposta ao tratamento. Tais modelos podem ser exibidos como calculadoras para selecionar tratamento. Por exemplo, no caso em que a calculadora prevê ser improvável que um determinado paciente responda a uma intervenção, o médico pode considerar alternativas. Assim, os pacientes se beneficiariam de planos de tratamento mais precisos, evitando períodos prolongados de "tentativa e erro" em busca do tratamento correto. Na saúde mental, alguns

estudos têm proposto calculadoras de resposta ao tratamento para várias intervenções, incluindo antidepressivos (Chekroud *et al*. 2016), antipsicóticos (Cao *et al*. 2018) e psicoterapia (Hahn *et al*. 2015).

A abordagem com técnicas de análise de *big data* também fornecerá calculadoras para prever diagnósticos e prognósticos. Há estudos baseados em técnicas de *machine learning* para classificar e diagnosticar tumores do sistema nervoso central (Capper *et al*. 2018), para prever prognóstico de câncer de pulmão de não pequenas células (Yu et al. 2016), para prever suicídio (Kessler *et al*. 2015; de Ávila Berni et al. 2018) e tentativas de suicídio (Passos *et al*. 2016a), para predizer níveis elevados de glicose pós-prandial (Zeevi *et al*. 2015) e identificar esclerose lateral amiotrófica de maneira mais precoce (Savage 2017). Estas calculadoras estimam a probabilidade de um determinado resultado em um nível individual a partir da análise de padrões em um grande conjunto de dados, e são ideais para avaliar transtornos multifatoriais – desde que sua heterogeneidade seja representada no conjunto de dados de treinamento. Atualmente, o escopo completo de informações individuais é subutilizado. O campo emergente da análise de *big data* e *machine learning* fornece uma estrutura para lidar com conjuntos de dados amplos e complexos em tempo real.

Em comparação com os métodos estatísticos tradicionais que fornecem resultados baseados em diferenças entre grupos, os algoritmos de *machine learning* aplicados ao *big data* permitem previsões e estratificação de resultados clínicos no nível individual. Ensaios clínicos com técnicas de *machine learning* se beneficiam da inclusão de pacientes heterogêneos dentro de um mesmo transtorno, uma vez que as idiossincrasias de cada paciente é que vão ajudar na precisão do modelo. Esse é o caso, por exemplo, dos pacientes com transtorno bipolar, que apresentam comorbidade com múltiplas doenças. Além disso, os algoritmos de *machine learning* podem manipular grandes quantidades de dados de vários níveis biológicos, e também produzir melhores estimativas de relacionamento entre esses dados multivariados. Ao teoricamente modelar qualquer função, esses algoritmos podem encontrar padrões não lineares complexos relacionando preditores ao desfecho clínico.

A visão do nosso time de pesquisa é que o movimento da medicina baseada em evidências alcançou grandes feitos, porém, com a análise de *big data* e das técnicas de *machine learning,* revelou-se um ponto cego em relação ao paciente real. A medicina baseada em evidências idealizou o paciente teórico médio e abandonou o paciente real na sala de espera. Para atender aos rígidos critérios de inclusão/exclusão de ensaios clínicos, grande parte da realidade impura foi bloqueada fora do processo de desenvolvimento do conhecimento. A tecnologia disponibilizada pela análise de *big data* nos dá a oportunidade de restaurar o paciente real com suas idiossincrasias e de criar modelos preditivos que nos ajudarão a intervir de maneira precoce

REFERÊNCIAS

Cao B, Cho RY, Chen D, et al (2018) Treatment response prediction and individualized identification of first-episode drug-naïve schizophrenia using brain functional connectivity. Mol Psychiatry. doi: 10.1038/s41380-018-0106-5

Capper D, Jones DTW, Sill M, et al (2018) DNA methylation-based classification of central nervous system tumours. Nature 555:469–474. doi: 10.1038/nature26000

Chekroud AM, Zotti RJ, Shehzad Z, et al (2016) Cross-trial prediction of treatment outcome in depression: a machine learning approach. The Lancet Psychiatry 3:243–250. doi: 10.1016/S2215-0366(15)00471-X

de Ávila Berni G, Rabelo-da-Ponte FD, Librenza-Garcia D, et al (2018) Potential use of text classification tools as signatures of suicidal behavior: A proof-of-concept study using Virginia Woolf's personal writings. PLoS One 13:e0204820. doi: 10.1371/journal.pone.0204820

Hahn T, Kircher T, Straube B, et al (2015) Predicting Treatment Response to Cognitive Behavioral Therapy in Panic Disorder With Agoraphobia by Integrating Local Neural Information. JAMA Psychiatry 72:68. doi: 10.1001/jamapsychiatry.2014.1741

Kessler RC, Warner CH, Ivany C, et al (2015) Predicting suicides after psychiatric hospitalization in US Army soldiers: the Army Study To Assess Risk and rEsilience in Servicemembers (Army STARRS). JAMA psychiatry 72:49–57. doi: 10.1001/jamapsychiatry.2014.1754

Klous S, Wielaard N (2016) We are Big data : the future of the information society

Mitchell TM (Tom M (1997) Machine Learning. McGraw-Hill

Passos IC, Mwangi B, Cao B, et al (2016a) Identifying a clinical signature of suicidality among patients with mood disorders: a pilot study using a machine learning approach. J Affect Disord 193:109–16. doi: 10.1016/j.jad.2015.12.066

Passos IC, Mwangi B, Kapczinski F (2016b) Big data analytics and machine learning: 2015 and beyond. The lancet Psychiatry 3:13–5. doi: 10.1016/S2215-0366(15)00549-0

Savage N (2017) Machine learning: Calculating disease. Nature 550:S115–S117. doi: 10.1038/550S115a

Silver D, Schrittwieser J, Simonyan K, et al (2017) Mastering the game of Go without human knowledge. Nature 550:354–359. doi: 10.1038/nature24270

TIME (2011) The 50 Best Inventions - TIME. http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,2099708-11,00.html. Accessed 28 Aug 2018

Yu K-H, Zhang C, Berry GJ, et al (2016) Predicting non-small cell lung cancer prognosis by fully automated microscopic pathology image features. Nat Commun 7:12474. doi: 10.1038/ncomms12474

Zeevi D, Korem T, Zmora N, et al (2015) Personalized Nutrition by Prediction of Glycemic Responses. Cell 163:1079–1094. doi: 10.1016/j.cell.2015.11.001

IVES CAVALCANTE PASSOS

Professor do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS e do Programa de Pós-Graduação de Psiquiatria e Ciências do Comportamento.

A AUSÊNCIA TRANSFORMADA

De onde será que o pai de Héctor tirava essa confiança em Héctor, apesar daqueles gritantes sintomas de indolência?

A ausência que seremos é um livro sobre gratidão. Graças à paciência do pai, Héctor aprendeu, brincando, o alfabeto inteiro, os números e os sinais de pontuação. Transformar ideias em palavras continua parecendo a Héctor uma das mágicas mais incríveis do mundo.

O amor do pai pelo filho se transmitia também por cartas. Havia reciprocidade e muita confiança nas palavras: com a caligrafia vacilante das crianças que ainda estão aprendendo a escrever, o menino assinava Héctor Abad III, porque o pai valia por dois.

O pai de Héctor, também um Héctor (do grego, guardião, defensor, segundo www.origemdapalavra.com.br), havia transformado relações familiares: nas duras e austeras montanhas de Antioquia, onde nem a paisagem é suave, o cumprimento entre machos, pai e filho, tinha que ser distante, seco e sem demonstrações de afeto. Mas, para o doutor Abad, de dura já bastava a vida, que dava muito o que sofrer a todo mundo, e ele é que não iria ajudá-la.

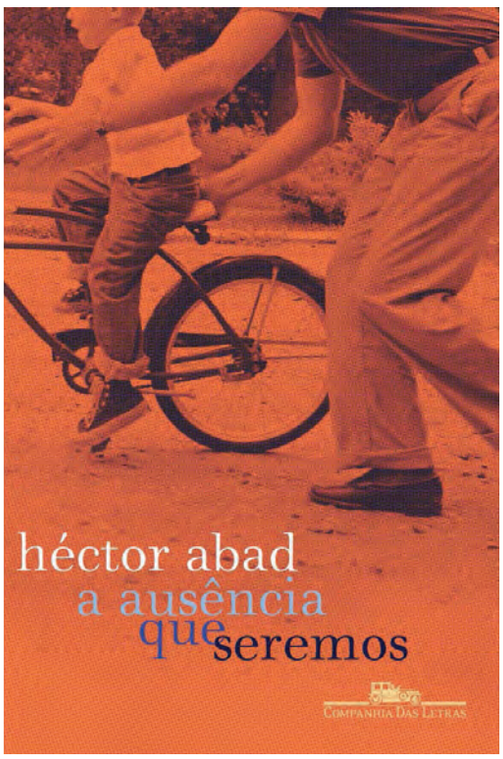
O avô andava sempre armado, mas o pai de Héctor detestava armas e acreditava, muito, nas palavras.

O filho também: chamavam de *mamite* essa terrível doença das crianças que sentem falta dos pais. Quando Héctor passava uma temporada com o avô, secretamente dava o nome de *papite*.

O doutor Abad não era muito bom em atender pacientes. Sua obsessão era o saneamento básico. Na Medellin da década de oitenta, a luta pela água limpa era uma questão de vida ou morte. O filho compreendeu: suas denúncias apaixonadas no jornal estudantil não eram provocação, não eram jogada política, mas um profundo ato de compaixão pelo sofrimento humano.

O doutor Abad dedicou a vida a previnir doenças transmissíveis. Começou por romper a transmissão da dureza familiar e transformá-la em amor confiante. Depois, água suja em água limpa. Difíceis ambas as missões. Perigosas também.

A ausência que seremos é também um livro sobre



coragem. Ou então como chamar o ato de escrever sobre a própria covardia? Graças a um garoto negro, que mergulhou na água e saiu com a menina entre os braços, a irmã de Héctor não morreu afogada aos seis anos, diante de um irmão de nove tremendo de medo, paralisado, quieto e mudo. Nós, numa hipotética sala de terapia, não estaríamos procurando algum outro nome para aquilo que o escritor chamou de covardia?

Lembre-se: aqui somos leitores, você e eu. Releitor, no meu caso, desse tocante livro que é "tanto biografia quanto memória, depoimento histórico, ensaio, crônica social, romance" (trecho da orelha de capa, Companhia das Letras, 2011, tradução de Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina). Em especial do capítulo vinte e três, quando finalmente surge uma crítica ao pai tão amoroso, tão dedicado, tão tolerante. Na primeira leitura que fiz, há cinco anos, lembro bem: vinha com certa dificuldade em assimilar tanto e tão inesgotável amor entre filho e pai.

Então, por ali descobrimos que um pai amoroso também tem atitudes desnecessárias, também sobrecarrega seus filhos apresentando precocemente a morte

e a qualquer tempo a intimidade do casal, também oferece mentiras inúteis e consolos inventados. Descobrimos inclusive que pode haver pensamento de filho matar o pai, com o apelo para que a revelação "não parecesse muito freudiana, porque era mesmo literal". Um pai tão perfeito, revela Héctor, pode chegar a ser insuportável, quando se necessita mais de um antagonista do que de um aliado.

Pode ser que você também tenha vontade de agradecer ao autor por não omitir os maus pensamentos que você também tem pelo seu pai. E também não precisará abandonar a leitura de um livro piegas que conta um amor que não existe em lugar nenhum. E poderá então se deslumbrar e se entusiasmar e se emocionar com a abundância de amorosidade narrada nos capítulos seguintes.

Poderá ler, por exemplo, a resposta do pai ao avô de Héctor, que tinha tomado conhecimento que o neto, em seu "ideal de vida proustiano, passava dias a fio largado numa cama, ou num sofá, lendo romances intermináveis e bebericando vinho de Sauternes, como se fosse uma solteirona retirada do mundo (…) ou um dândi maricas do século XIX". O pai, ao ler essa carta, "comentou que o vovô não entendia que eu estava fazendo a universidade por conta própria".

De onde o pai tirava essa confiança?

Héctor Abad, o pai, acreditava convictamente nisto: "as liberdades de pensamento e de expressão são um direito arduamente conquistado ao longo da história por milhares de seres humanos, portanto um direito que temos o dever de conservar". Era bem mais que uma ideologia: era uma convicção pessoal, oferecida como herança ao filho.

E que herança pode ser mais valiosa que uma mensagem transmitida por toda a vida e sintetizada em uma carta, escrita em resposta a uma outra em que o filho escreve que andava deprimido, possivelmente assombrado pelo temor da própria indolência, que também tanto preocupava o avô: "Meu adorado filho: (…) qualquer coisa que você venha a fazer daqui em diante, se escrever ou não escrever, se se formar ou não se formar (…), ou for simplesmente Héctor Abad Faciolince, estará tudo bem. O que importa é que você não deixe de ser o que foi até agora, uma *pessoa*, que pelo simples fato de ser como é, não pelas coisas que escreva ou deixe de escrever, ou porque brilhe ou apareça, mas *porque é como é,* ganhou o carinho, o respeito, a aceitação, a confiança, o amor, da maior parte das pessoas que te conhecem. (…) Que diferença faz o que possam pensar de você (…), para nós, que sabemos *quem você é*?"*(grifos do autor, provavelmente mantidos da carta original)*

Veja só: um pai libera seu filho para fazer o que bem entender da sua vida, inclusive nada, e o que esse filho faz é escrever de volta ao pai, décadas depois de sua morte, um livro fascinante em sua homenagem, que inclui uma sentença que, se você quiser, pode adotar como mantra para a sua vida: "A pior coisa na vida é não ser o que se é".

A ausência que seremos é também um acerto de contas. É uma publicação para bradar aos assassinos do pai: filhos da puta! filhos da puta! filhos da puta! A civilização, que já inaugurou o xingamento que substituiu o tacape, ganhou mais um insulto dos bons.

Tendo sido escrito vinte anos depois do crime, pôde ser bem mais que isso: trata-se de um livro sobre transformação. Um livro para contar a morte de um homem, dizimado pelo esquadrão da morte, determinado a anular cérebros (Viva a morte! Abaixo à inteligência!). O filho não pôde vingar o assassinato do pai, que ensinou muito sobre palavras e nada sobre armas. Então, escreve Héctor, uso a mesma arma que ele: as palavras. Dois Héctores. Dois guardiões da palavra.

Héctor sempre achou que os impiedosos carecem de imaginação literária – essa capacidade que os grandes romances nos dão de nos pôr na pele dos outros.

Pôr-se na pele dos outros, usar a palavra, transformar. Você e eu precisamos muito disso para trabalhar.

FÁBIO BRODACZ
Psiquiatra. Especialista em psicoterapia de orientação analítica - CELG.
Membro aspirante da SPPA

MUITO ALÉM DE UMA **CASA MAL-ASSOMBRADA, FANTASMAS, PESADELOS E SUSTOS**

Escolhi escrever sobre A Maldição da Residência Hill (The Haunting of Hill House), dentre tantas outras séries intrigantes e bem-feitas, pela preferência particular e longo interesse sobre o tema: o terror. Assisto a filmes de suspense/terror e suas continuações, séries, documentários, desde a infância (ok, tive patrulha dos meus pais, mas sempre dava um jeitinho, assistindo com os primos mais velhos); costumo ter livros de Stephen King ao pé da cama, além de um especial de arte, na estante, com as capas de famosos filmes de terror de várias épocas e do mundo todo. Enfim, voltando para a selecionada, trata-se de uma série norte-americana de terror e drama, dirigida por Mike Flanagan e disponibilizada no Brasil em 12 de outubro de 2018. O mês do dia das crianças e do Halloween não deve ter sido uma decisão ocasional do estúdio, pois partilha elementos com a narrativa exibida em seus 10 episódios, que teve como base o livro de mesmo nome, escrito por Shirley Jackson e publicado em 1959.

Aos céticos sobre a qualidade de filmes ou séries de terror, essa certamente merece um voto de confiança. Minha sugestão é que assistam ao primeiro episódio. Na Maldição da Residência Hill, o que desencadeia apreensão e profundo temor não está fora de casa, mas sim no ambiente onde deveríamos nos sentir protegidos e seguros: o lar, na companhia dos familiares. A sanidade mental dos sete membros da família (pais e cinco filhos), a dor transgeracional das perdas traumáticas e o modo como cada um sobreviveu a elas são retratados de maneira sensível e verossímil. A cada novo episódio, somos surpreendidos por sustos, invadidos pelo aumento da tensão, pesar e por novos questionamentos, sobressaindo-se a curiosidade que nos conduz a assistir à série por inteiro.

O passado e o presente de cada personagem são retratados em paralelo, dentro do mesmo episódio, nos fazendo perceber as semelhanças entre fantasmas e segredos, observar a resiliência individual e como cada um lidou com os mesmos traumas, revelando que até aqueles aparentemente mais bem-adaptados, também pagaram um alto preço emocional. A mansão isolada, imponente, misteriosa, antiga e, por fim, funesta não é apenas um cenário, mas uma bela metáfora sobre a construção e reconstrução de nossas fantasias e nossos medos.

O roteirista fez um brilhante trabalho ao nos deixar com a dúvida constante: Qual é a verdadeira diferença entre sonho e realidade? Outros questionamentos, consequentes desse primeiro: O que é pior, enfrentar pesadelos constantes ou vivenciar a dor trazida pela realidade? Existem traumas impossíveis de serem superados?A maldição seria uma tendência à repetição de ações destrutivas?

O diretor, por sua vez, conduziu com maestria atores notáveis de diferentes gerações, tornando possível ocorrer a transferência da infância para a vida adulta, dos traços característicos de personalidade pertencentes a cada personagem, nos fazendo reconhecer e acreditar

que, no presente, aqueles adultos foram as crianças de duas décadas atrás. As tomadas, tanto internas – especialmente dentro da mansão – quanto externas, na vastidão do terreno que separa a casa título de qualquer vizinhança, são incríveis, observando-se um cuidado primoroso com os cenários e a trilha sonora. Um bom susto sempre tem o prenúncio de uma música angustiante, não é mesmo? Até voltei a me aventurar no piano e a dedilhar aquelas lindas notas suaves e dolorosas. E assim, dentro de uma atmosfera melancólica e sombria, o luto e sua natureza triste, muitas vezes caótica e ambivalente, repleta de medo, culpa, negação, receio, isolamento, sombra e arrependimento, ganham uma ilustração incômoda e reflexiva. Quem são nossos fantasmas?

Além de sustos, prepare-se para chorar, mas calma, não perca as esperanças. A revelação das verdades mostra-se uma ferramenta poderosa, libertadora e agregadora. Diante de graves problemas e situações, apenas através do perdão, amor e da "re-união" os sobreviventes encontrarão "a chave" para continuar e melhorar suas vidas.

ALCINA JULIANA SOARES BARROS
Especialista em Psiquiatria e Psiquiatria Forense pela ABP. Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica.

VIVER: COMO PRODUZIR SAÚDE NO E PELO TRABALHO?

Como podemos pensar as relações entre saúde e trabalho? De que forma trabalhar pode implicar na produção de saúde?

Estas são algumas das perguntas que temos feito enquanto grupo de pesquisa e que gostaríamos de trazer hoje para os leitores através de uma breve discussão a partir o filme "Viver" (1952), de Akira Kurosawa, e com base nos conceitos teóricos e metodológicos das Clínicas do Trabalho, em especial a Clínica da Atividade (Yves Clot) e Ergologia (Yves Schwartz), utilizados recentemente como recurso para uma oficina intitulada "O Ofício como Operador de Saúde", desenvolvida junto aos servidores e às servidoras da UFRGS no mês de outubro de 2018.

Neste filme, acompanhamos o dilema do personagem Kanji Watanabe, um toquiota que é chefe de uma repartição pública há muitos anos e que trabalha de uma forma que logo nos chama a atenção: passa o dia carimbando papéis, arquivando documentos e repassando demandas para outros setores. Sujeito de corpo fechado, que não sorri e fala pouco com seus colegas. Enquanto é apresentado, o narrador do filme nos indaga: estaria esse homem, com suas tarefas repetitivas e embotamento afetivo de fato vivo, mesmo fazendo tantas e tantas tarefas? A reviravolta na trama de nosso personagem acontece diante de um infortúnio em sua vida: descobre que está com um câncer terminal e que lhe resta pouco tempo de vida. É a partir desse enorme colapso no fluxo aparentemente estável e repetitivo de sua vida que Watanabe passa a se perguntar como viver, iniciando então sua saga pessoal em busca de sentir-se vivo.

O protagonista se lança, então, a diversas tentativas para se sentir mais vivo: tenta reaproximar-se do filho, beber, visitar bordéis e até consultar um artista boêmio. Porém, em todas as suas tentativas, o protagonista aparenta falhar em sua busca, até que lhe vem à mente uma colega de trabalho. Trata-se de uma moça jovem e alegre, que frequentemente sorri e faz piadas em ambiente de trabalho, muitas vezes produzindo constrangimentos que irritavam seus colegas, todos homens. Watanabe então corre ao seu encontro, insistindo para que ela lhe acompanhe em alguns passeios para poder entender o que ela faz para ser tão viva. Em momento desesperado e cena marcante, Watanabe finalmente lhe diz que está prestes a morrer e lhe pergunta diretamente o que ela faz para ser tão vivaz. Com muita surpresa, a moça resolve lhe dizer seu segredo: retira um pequeno coelho branco de brinquedo de sua bolsa e o coloca a pular na mesa, lhe dizendo que, quando se sente para baixo, ela pega esse brinquedo e se conecta mentalmente com as crianças de Tóquio. A imagem do coelho desperta em Watanabe reflexões sobre sua própria infância, mas sobretudo memórias de um de seus primeiros projetos como funcionário público, que envolvia justamente a produção de uma obra para crianças usufruírem (uma demanda que no filme é retomada por mulheres que entram na repartição frustradas, solicitando que fosse construído um parque para as crianças comunidade). A construção do parque, que anteriormente era um pântano, ganha, portanto, não só uma visão política e social, mas algo bastante pessoal e até simbólico, atrelado às vivências da infância e do trabalho do personagem.

É por aí que podemos lançar mão de algumas pistas que nos ajudam a compreender como pelo trabalho pode ser possível produzir saúde. Watanabe, ao longo de seus anos de trabalho, encontrava-se com seu agir impedido, impossibilitado de criar meio e de transformá-lo com os colegas de trabalho. Diante do infortúnio que o acomete, ele não só busca a realização de seu sonho através de seu trabalho, como também é através do encontro com uma colega de trabalho que se torna possível afirmar uma potência de ação dirigida à transformação do próprio meio de trabalho e de vida, e de seu próprio corpo – antes definhante mas agora vibrante. Nesse sentido, a produção de saúde no e pelo trabalho - não se trata apenas de ter aptidão para sobreviver em um ambiente de trabalho, assujeitando-se e adaptando-se a ele, mas sobretudo de ter capacidade de criar um meio para viver. Dito de outra forma, produzir outras maneiras de exercer determinado ofício, reconfigurando-o em conjunto com seus próprios pares, e afirmando, assim, a dimensão política da existência no e pelo trabalho. No caso do filme, Watanabe se desprende de sua posição ultraburocrática – retira das gavetas de seu escritório pastas e arquivos empoeirados, que foram perdendo sua atenção ao longo

dos anos –, e passa a agir em prol das necessidades daquela comunidade, convocando o restante dos trabalhadores de seu escritório a se juntar a ele.

Trata-se aqui de pensar a saúde do trabalhador menos pela presença de determinada patologia, e mais por sua capacidade de produção de meios para existir, na medida em que se enfrentam os constrangimentos à capacidade de agir e de produzir novas maneiras de ser e trabalhar. Dizemos, junto de Yves Clot (2010), que se trata de intervir de modo a expandir o poder de agir dos trabalhadores, visandoà ampliação de sua potência de afetar e se afetado, expandindo assim as possibilidades de transformação de si e do mundo.

Para finalizar, ainda conforme as formulações de Yves Clot (2013), a produção de saúde no e pelo trabalho implica em afirmar a potência de produção de normas de cada trabalhador e trabalhadora junto de seus colegas para mantê-lo vivo no contato com as surpresas do real, sustentá-lo por aquilo que o mantém de pé, ou seja, a qualidade do trabalho sempre posta em questão na abertura incessante de novas possibilidades de viver e trabalhar.

RENATA DA SILVEIRA BORSTMANN
Psicóloga (UNISC). Mestranda em Psicologia Social e Institucional (UFRGS)

LUÍS GIORGIS DIAS.
Psicólogo (UFSC). Especialista em Saúde Mental e Coletiva (UFRGS). Mestrando em Psicologia Social e Institucional (UFRGS).

REFERÊNCIAS

Clot, Y. (2010). Trabalho e poder de agir. Belo Horizonte: Fabrefactum.

Clot, Y. (2013) O ofício como operador de saúde. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. V.16. n.especial. p.1-11

SOBRE A **JORNADA CELG 2018**

PATRÍCIA FABRÍCIO LAGO
Diretora Científica
do CELG

- Inscrições esgotadas um mês antes do evento? Tivemos!
- Nove eventos paralelos abordando diferentes referenciais teóricos e técnicos na área da saúde mental? Tivemos!
- Três cursos internacionais? Tivemos!
- Jornada CELG Kids pra divertir e integrar a gurizadinha? Tivemos!
- Oito convidados internacionais? Tivemos!
- Glen Gabbard encantando o público com sua didática e seu conhecimento? Tivemos!
- Mesas-redondas e conferências de alto nível científico? Tivemos!
- Jantar dançante e festa animada? Tivemos!
- Espiritualidade, sexualidade e gênero, neurociência, álcool e trânsito, saúde pública, tecnologia, psicanálise? Tivemos!
- Diálogos urgentes abordando temas atuais de forma dinâmica? Tivemos!
- Longas filas e plateias lotadas? Tivemos!
- 800 inscritos e mais de 200 palestrantes/apresentadores? Tivemos!
- Sexualidade no século XXI com Carmita Abdo? Tivemos!
- Sarau com a poesia de Celso Gutfreind? Tivemos!
- Palestra de Daniel Galera? Tivemos!
- Atividades para a comunidade concorridas? Tivemos!
- Aplicativo para acompanhar a Jornada? Tivemos!
- Cuidado com a preservação do ambiente? Tivemos!
- Concurso literário? Tivemos!
- Mais de cem temas livres e pôsteres? Tivemos!
- Encontro de ex-residentes e cursistas do HCPA? Tivemos!

Sim, tivemos tudo isso e muito mais; a Jornada CELG 2018 foi um sucesso! Partindo da experiência de organizar a cada dois anos, de forma ininterrupta desde 1960, a tradicional Jornada Sul-rio-grandense de Psiquiatria Dinâmica, o CELG inovou criando a JORNADA CELG. O conceito de Aufhebung, de Hegel, expressa de forma mais clara este processo de transformação. Três significados estão contidos neste termo: negar, preservar e elevar a um nível superior. Aufhebung expressa esses três sentidos ao mesmo tempo. Foi o que ocorreu com a nossa querida Jornada Sul-rio-grandense de Psiquiatria Dinâmica, que deu lugar à Jornada Celg: ao mesmo tempo em que foi **preservada**, foi ainda **elevada**, no sentido que a Jornada se ampliou para abarcar não apenas o referencial psicanalítico, mas os múltiplos referenciais teóricos e técnicos que compõem a área da saúde mental contemporânea.

Assim, tivemos nove eventos simultâneos, cada um organizado de forma independente, sob a coordenação geral da Comissão Científica da Jornada. Sim, deu uma trabalheira danada! Também nos divertimos muito!

A Jornada CELG 2018 incluiu os seguintes eventos paralelos:
- XXIX Jornada Sul-rio-grandense de Psiquiatria Dinâmica
- V Encontro Ciência e Inovação em Psiquiatria
- III Simpósio Internacional de Espiritualidade na Prática Clínica
- Simpósio Internacional de Álcool & Trânsito
- Simpósio Internacional de Sexualidade e Disforia de Gênero
- Simpósio de Tecnologia e Saúde Mental
- Simpósio de Saúde Mental no SUS
- Encontro Multidisciplinar em Psiquiatria e Saúde Mental
- Jornada CELG Kids

Além da atrativa programação científica, o período de 30 de agosto a 1º de setembro no Hotel Continental, em Canela, foi marcado pelo clima de alegria, entusiasmo e confraternização, que sempre caracterizou as Jornadas. A Jornada se transformou, se ampliou para dar conta dos desafios contemporâneos, mas manteve inalterado o DNA do CELG, o clima alegre, respeitoso e fraterno de integração e busca de conhecimento.